



Sempre EM PO DE RA DA

Aos 96 anos, livre a proteção de direitos autorais, Betty Boop, a personagem criada em desenho animado na década de 1930, segue inspirando a indústria e instigando debates sobre a força da mulher. Página 2



Betty Boop foi criada em 1930 pelos animadores Max Fleischer e Grim Natwick

Um fenômeno cultural

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Em meio a uma avalanche de bijuterias, canecas, garrafas térmicas, bolsas e até um fofíssimo conjunto de meias, que brota num bazar digital como a Amazon, quando se pesquisa sobre a diva da animação Betty Boop, a oferta mais curiosa (pelo exotismo) é um livro de autoajuda.

Em sua narrativa, a empoderada personagem lançada em 9 de agosto de 1930 é tema de lições sobre como viver melhor. Chama-se “Guide to a Bold and Balanced Life: Fun, Fierce, Fabulous Advice Inspired by the Animated Icon” e foi editado pela Skyhorse Publishing. Em suas páginas, as autoras Kristi Ling Spencer e Susan Wilking Horan to-
mam emprestado dos desenhos e das HQs dessa ícone da força feminina critérios como autoconfiança, pensamento positivo, independência e gentileza.

Todos esses itens se aplicam ao combate ao sexismo desde que Betty foi inventada pelos animadores Max Fleischer e Grim Natwick, a serviço do Fleischer Studios, no curta “Dizzy Dishes”, da série “Talkartoons”. Esse ensaio de Kristie Susan ganhou mais visibilidade este ano, com o anúncio de que a heroína caiu em domínio público, depois de ultrapassar o limite (hoje estipulado em 95 anos) de proteção de copyright nos EUA. Quatro de seus curtas-metragens iniciais da década de 1930, são parte do lote de produções que se tornaram públicas.

O resultado dessa “quebra de proteção” de direitos é uma corrida avassaladora da indústria para explorar sua marca como possível. Estima-se até um filme de terror com Betty em versão malévola. Ele vai se chamar “Boop” e tem Devanny Pinn no papel título.

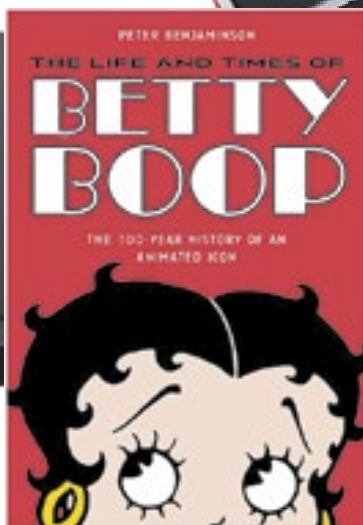
Em suas primeiras aparições, Betty ganhou a voz de Margie Hines. Kate Wright, Bonnie Poe, Ann Rothschild também lhe emprestaram o gogó, sendo que sua interprete mais conhecida foi Mae Questel, que a encarnou em vários curtas, de 1931 até 1938, e fez a voz da personagem no filme “Uma Cidadã Para Roger Rabbit”, em 1988.

Em sua gênese, Betty tinha ca-

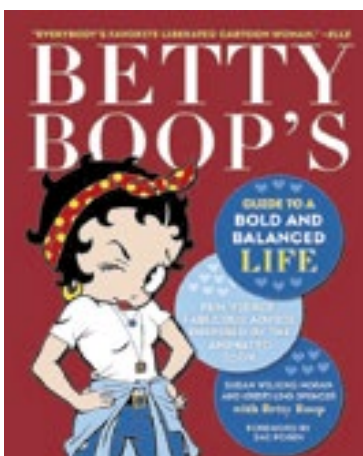
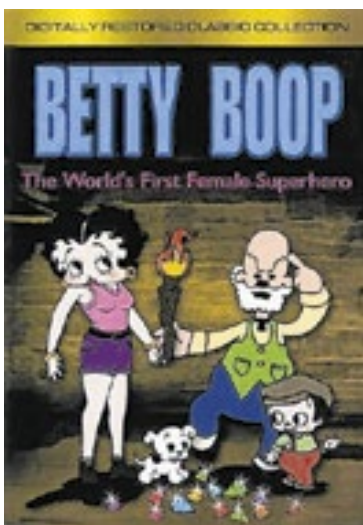
racterísticas de poodle humanoide, incluindo orelhas compridas. Com o tempo, elas evoluíram para os clássicos brinco de argola que fazem parte de seu visual definitivo. Ao longo de poucos anos, a sapequinha passou por um processo de transformação estética e narrativa até se tornar a figura que o público reconhece hoje: uma jovem de aparência delicada, cabeça grande, olhos expressivos e voz infantilizada, mas com um comportamento marcadamente adulto e sedutor. Essa combinação de inocência e sensualidade tornou-a um fenômeno



Reprodução



O fim do copyright da sapeca Betty Boop nos EUA só faz aumentar sua presença em inúmeros produtos, de gibis a DVDs, incluindo mochilas, meias, acessórios diversos e até em livro de auto-ajuda



no cultural, atrelada ao jazz. Betty cantava em vários episódios, consolidando-se como estrela musical.

Na segunda metade da década de 1930, com a implementação mais rígida do chamado Código Hays — conjunto de regras morais que passou a regular o conteúdo do cinema americano —, os produtores foram pressionados a suavizar o comportamento e a aparência de Betty, de forma a arrefecer a representação de sua libido. A personagem perdeu parte da sensualidade e passou a ser retratada em papéis mais domesticados, frequente-

mente como dona de casa ou participante de histórias mais convencionais. Em 1939, seus autores conseguiram libertá-la desse jugo minion e devolveram a ela seu molejo e sua audácia.

Do que de mais precioso se compra a mas dos Fleischer, destaca-se o livro “Life and Times of Betty Boop: The 100-Year History of an Animated Icon”, de Peter Benjaminson, editado pela Applause Books. Saiu ainda pela Titan Comics a antologia de tiras “The Definitive Betty Boop: The Classic Comic Strip Collection”.



Palma de Ouro de 1997, 'Gosto de Cereja' será refilmado por Abbas Kiarostami com Wagner Moura

Reabrindo Abbas

Com cult na MUBI e projeto de remake com Wagner Moura, Kiarostami ganha retrospectiva na Bergamo Film Meeting, em meio a bombardeios no Irã que ele ajudou a revelar ao mundo



'Onde Fica a Casa do Meu Amigo?' saiu de Locarno com o Leopardo de Bronze, em 1989

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Em um dos capítulos mais sangrentos da história do Irã começou a escrito em pólvora no dia 28 de fevereiro de 2026, depois de os Estados Unidos e de Israel lançarem ataques aéreos contra aquela nação, devastada ainda por um bombardeio em Teerã que matou seu líder político, Ali Khamenei, ampliando o conflito para uma guerra regional. Em meio à contagem de mortos e feridos em

solo iraniano, um dos artistas mais importantes da luta para que a cultura daquele povo ganhasse as telas do mundo, o cineasta Abbas Kiarostami (1940-2016), começa a ganhar uma série de tributos em meio à efeméride de dez anos de sua partida. Falar dele é clamar por paz.

Por isso, entrou esta semana na grade da MUBI, o longa-metragem responsável por abrir os olhos do planisfério cinéfilo para o tanto de invenção e de poesia que Kiarostami tinha para oferecer: "Onde Fica a Casa do Meu Amigo?" ("Khane-ye doust kodjast?"). A vitória do troféu Leopardo de Bronze no Fes-

tival de Locarno de 1989 fez com que a crítica internacional olhasse para sua forma (neo)neorrealista de narrar, despertando curiosidade em festivais como Veneza e Cannes, de onde ele saiu com a Palma de Ouro, em 1997, com "Gosto de Cereja". Esse título, coroado com a honraria máxima da Croisette, será refilmado pelo argentino Lisandro Alonso com o baiano Wagner Moura, hoje indicado ao Oscar por "O Agente Secreto", de protagonista.

Paralelamente à sua entrada no www.mubi.com, "Onde Fica a Casa do Meu Amigo?" integra a seleção de 12 títulos que compõem a se-

ção Homenagem a Kiarostami que vem sendo feita desde sábado, na Itália, pela Bergamo Film Meeting (BFM). O site do festival italiano justifica a honraria ao dizer: "mestre do cinema contemporâneo e força motriz por trás do renascimento do cinema iraniano entre as décadas de 1980 e 2000, o realizador persa redefiniu a relação entre realidade, ficção e percepção".

Nesta quarta-feira, a Bergamo Film Meeting promove uma conversa com o produtor Ahmad Kiarostami, filho de Abbas, na Sala Galmozzi da Biblioteca Caversazzi. Foi no último sábado que o públi-

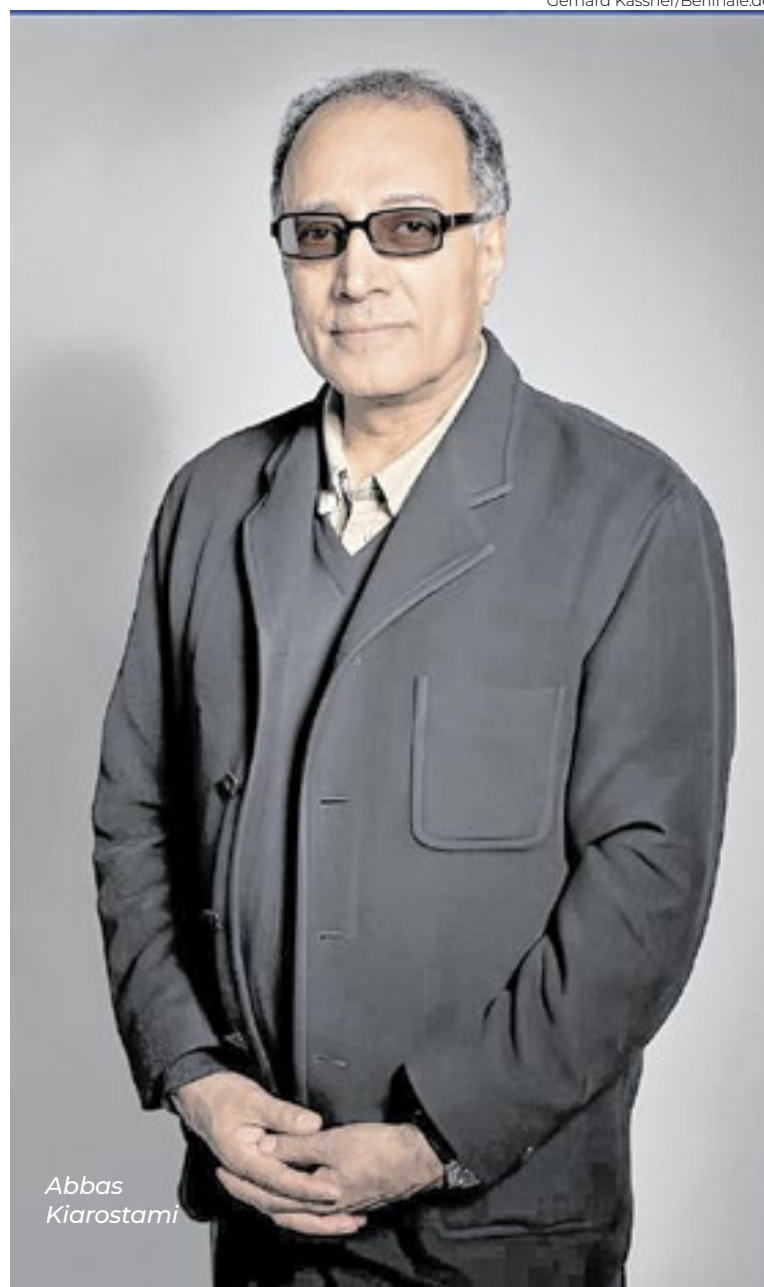
co dessa maratona cinéfila conferiu "Onde Fica a Casa do Meu Amigo?". Nele, o guri Ahmad (Babek Ahmedpoor), ao fazer seu dever de casa, percebe que pegou o caderno de seu melhor amigo por engano. Sabendo que seu professor exige que as tarefas sejam feitas na brochura de cada um, o menino escapa de sua mãe e parte em busca do colega. O caminho abre uma série de descobertas (sociais, antropológicas e afetivas) para ele - e para a plateia.

Existe um preceito filosófico essencial aos estudos de identidade nacional, iluminado pelo historiador francês Michel de Certeau (1925-1986), nas páginas de "A Invenção do Cotidiano" (1980), que embasa esse tributo da Bergamo Film Meeting. Ele é chamado "popularidade" e demonstra ser uma ferramenta de análise valiosa em meio ao simbolismo de Kiarostami para um Irã hoje inflamado e bombardeado. A dor da perda prematura do realizador de "O Vento Nos Levará" (1999) e "Close-Up" (1990) impulsiona a revisão crítica urgente das imagens que ele criou. A ideia do Irã como um perímetro populacional - como realidade autônoma - nas telas se deve muito a Kiarostami, destaque entre o esquadrão de artistas que inventaram a "iranidade" no audiovisual. Este crédito deve se estender também a Mohsen Makhmalbaf (via "Salve o Cinema") e a Jafar Panahi, indicado ao Oscar por "Foi Apenas Um Acidente", que ganhou a Palma de Ouro de 2025, em maio.

Em sua passagem pelo Brasil, na Mostra de São Paulo de 2004, Kiarostami dizia que qualquer "iranidade" nele deveria ser tratada como se fosse uma relativização: "Existe um cansaço no olhar em torno de uma certa noção de 'simplicidade' que engessa a arte cinematográfica em tramas e no ideal de entretenimento", disse Kiarostami, ao Correio da Manhã, ao concorrer em Cannes com "Cópia Fiel", em 2010. "Sanar esse cansaço, contudo, gera um gasto de tempo de apreensão, de dedicação, de ruminação, como um ir e vir a uma mesma imagem, como se faz com um quadro de Kandinsky para fruir o que existe naquela geometria. Por isso, penso os filmes como um puzzle no qual o ajuntamento das peças nem sempre vai resultar num encaixe com harmonia, ou mesmo num encaixe possível. O espectador pode fazer o arranjo que quiser, pois não é matemática, não é uma equação na qual o valor de X pode ser descoberto com somas ou multiplicações irredutíveis e invariáveis. Não quero uma arte que se explique, ou tão pouco procure uma arte que julgue e aponte quem é o mau e quem é o bom", disse o diretor, que estreou com o curta-metragem "O Pão e o Beco" (1970).

Seu legado é apinhado de rizo- mas, o devastador "Um Alguém Apaixonado" (2012), um jogo de armar, um modo de (re)pensar o querer. O tempo passou e Kiarostami ficou eterno.

Gerhard Kassner/Berlinale.de



Abbas Kiarostami

CORREIO CULTURAL



Victor Jucá/Divulgação

'O Agente Secreto' representa o Brasil no Oscar 2026

Comitiva de 'O Agente Secreto' chega aos EUA

O Brasil terá uma equipe de peso representando "O Agente Secreto" em Los Angeles para a 98ª edição do Oscar, no próximo domingo, dia 15 de março. No total, mais de 30 profissionais — entre equipes e elenco — integram a comitiva que irá para os Estados Unidos para acompanhar de perto a maior premiação de cinema do mundo, incluindo os indicados Kleber Mendonça Filho, diretor que compe-

te pela estatueta de Melhor Filme Internacional; Emilie Lesclaux, produtora que representa o longa na categoria de Melhor Filme; Wagner Moura, que disputa o Oscar de Melhor Ator; e o diretor de elenco Gabriel Domingues, que concorre ao inédito prêmio de Melhor Elenco. A veterana atriz Tânia Maria decidiu permanecer no país mas conovoca os brasileiros a torcer pelo filme.

Uma opinião de peso

O filme brasileiro "O Agente Secreto" é o melhor longa na disputa pelo Oscar deste ano, superando medalhões como "Pecadores" e "Uma batalha Após a Outra". A opinião foi dada pelo portal IndieWire em texto publicado no último fim de semana. De acordo com o site, um dos principais dedicados ao universo do cinema independente nos Estados Unidos, o longa é "exuberante e complexo". O artigo faz ainda vários elogios ao protagonista Wagner Moura e ao diretor Kleber Mendonça Filho.

Flip internacional

A Flip, a Festa Literária Internacional de Paraty, vai levar uma delegação ao Hay Festival, seu "primo" do País de Gales. A festa fará uma curadoria de três autores brasileiros para a próxima edição do evento europeu, que acontece do dia 21 a 31 de maio na pequena cidade de Hay-on-Wye.

Flip internacional II

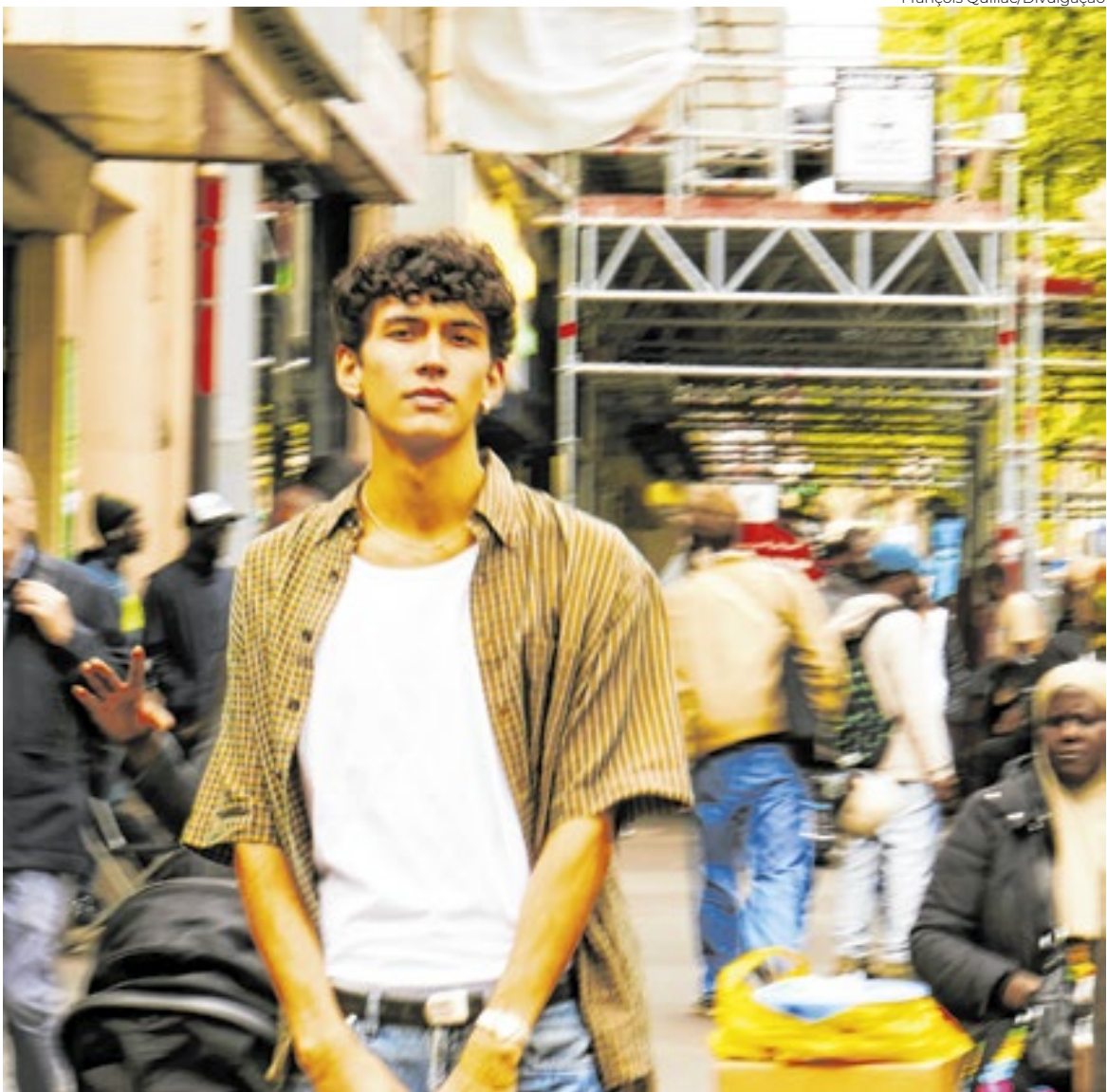
A organização da Flip vai levar o escritor Milton Hatoum, a antropóloga Hanna Limulja e a chef e escritora Bel Coelho. A delegação inclui a direção da Flip e sua atual curadora, Rita Palmeira. A colaboração entre os eventos é fruto do intercâmbio cultural de um ano entre os dois países.

Uma luz na escuridão

Durante o quadro Passa ou Repassa, no "Domingo Legal" (SBT), acabou a luz do estúdio. Porém, se engana quem pensa que a equipe entrou em pane com a falha em plena transmissão ao vivo. Rapidamente, o apresentador Celso Portioli pegou a lanterna do celular e improvisou enquanto a luz era restabelecida. Seu jogo de cintura foi elogiado na web.



Reprodução



François Quillac/Divulgação

De Botucatu para palcos europeus, Tom Ribeira mostra canções de contornos afetivos em 'Pedaço'

Raízes em canção

Tom Ribeira faz estreia fonográfica com EP que transforma faz da memória afetiva matéria-prima de suas criações

AFFONSO NUNES

Especial para o Correio da Manhã

Nascido às margens de uma ribeira pequena em Botucatu, no interior paulista, Tom Ribeira faz sua estreia fonográfica aos 24 anos com o EP "Pedaço". Como normalmente em discos de estreia, o trabalho reúne canções lapidadas pelo cantor e compositor há alguns anos. As seis faixas do EP evocam intimidade, mas não deixam de ter camadas de significado mais amplas, tudo costurado tendo a MPB como fio condutor e o samba, a bossa nova e o pop como adereços.

Com canto suave, Tom se debruça sobre as pequenas grandes histórias da vida em canções que revelam um artista com perspectiva própria. O EP foi gravado após um ano de imersão criativa e abre com a faixa-título, composta ainda na adolescência. "Escrevi essa canção quan-



Divulgação

do tinha 18 ou 19 anos, com um sentimento muito intenso de conhecer o máximo de pessoas possíveis e ser especial para essas pessoas, no amor e na amizade, deixando um pedacinho meu com cada pessoa. Então, aos 24 anos eu nomeio este meu primeiro EP acreditando que é um pedaço meu e de outras pessoas que se envolveram com este trabalho e que, por fim, chega ao mundo", explica Tom.

Em versos singelos e melodias que balançam com naturalidade, o artista costura histórias de origem,

saudade e relações humanas com uma leveza que não esconde a profundidade do olhar. "Botucatu" talvez seja a faixa mais reveladora do disco. Em versos que evocam o Rio Lava-Pés, a Cuesta e o pão comprado no mercadinho da ladeira, Tom transforma a geografia afetiva da cidade natal em poesia. "É uma canção de cunho pessoal, mas que também torna universal a linguagem do que é ter nascido na América do Sul, mas ao mesmo tempo sem fronteiras", diz o compositor.

Já "Marroquina", cantada parcialmente em francês, nasceu de um voluntariado na Europa — viagem interior e exterior que mostrou ao artista como a linguagem da canção pode ultrapassar qualquer limite geográfico. "Baião de Dois", por sua vez, homenageia a culinária nordestina com afeto e repertório: "Quis deixar um momento eternizado nesta canção, com minhas referências de baião, de forró e de música nordestina", conta Tom cujo estilo pessoal bebe de fontes especiais como a tradição cronista de Dorival Caymmi, Cartola ou Adoniran Barbosa e flerta com o experimentalismo de Itamar Assumpção.

Desde os 18 anos, Tom construiu presença sólida nas redes sociais com interpretações autorais e de repertório popular, acumulando mais de 400 mil seguidores. Em 2022, partiu de Botucatu para um mochilão que o levou a estreiar em palcos históricos de Paris — La Cigale e L'Elysée Montmartre. Hoje, percorre o Brasil com a turnê de apresentação do EP, que propõe um show intimista onde as composições inéditas dialogam com as canções que marcaram sua formação.

A obra de Arlindo Cruz sob novos ângulos

Agnes Nunes interpreta ‘Será que é Amor’ em projeto que reúne cantoras para homenagear o saudoso sambista morto no ano passado

AFFONSO NUNES

Nascida em Feira de Santana, no interior da Bahia, criada em Campina Grande e hoje radicada no Rio, Agnes Nunes - ao 23 anos - já é uma voz que ressoa pelo país. Cantora e compositora, a jovem que ficou conhecida pela voz grave e potente acaba de lançar sua releitura de “Será que é Amor”, composição de Arlindo Cruz. A faixa integra o projeto “Elas Cantam Arlindo”, iniciativa da Nas Nuvens Music Group distribuída pela Virgin Music Group, que convida vozes femi-



Agnes Nunes durante intervalo das sessões de gravação em estúdio

ninas da música contemporânea a revisitar a obra do sambista carioca sob novos ângulos. A produção da faixa foi assinada por Liminha e Boris Farias, gravada no estúdio Nas Nuvens, no Rio. O

convite chegou até Agnes por um caminho inesperado: foi Vanessa da Mata quem apresentou a jovem cantora ao produtor, enviando-lhe um vídeo em que ela interpretava “Ai, Ai, Ai”. O resultado foi imediato. “A Vanessa da Mata me enviou um vídeo da Agnes Nunes interpretando magistralmente a nossa canção ‘Ai, Ai, Ai’. Uma versão verdadeiramente arrebatadora, não apenas pela

excelência musical, mas também pela personalidade marcante e pela imagem belíssima dessa nova artista. Não tive dúvidas: fiz questão de convidá-la para integrar este projeto sublime em homenagem à obra de Arlindo Cruz”, afirma Liminha. Agnes encara a aproximação com o samba como movimento natural em sua carreira. “A música popular brasileira toca em todas as par-

tes do Brasil, e o samba é um ritmo muito presente. Poder interpretar Arlindo é uma honra imensa e um sinal de que eu estou no caminho certo nesse novo momento”, disse ela, que descreve seu momento atual como um período de renascimento artístico. Ao mesmo tempo em que se aproxima do universo do samba carioca, Agnes faz questão de que sua identidade nordestina atravessa cada interpretação. Na releitura de “Será que é Amor”, isso se traduz em escolhas estéticas deliberadas, que posicionam a cantora dentro de um diálogo mais amplo com o que tem sido chamado de nova MPB — um território musical sem hierarquias rígidas. “Tem o meu sotaque, que é algo que eu valorizo desde que comecei a cantar — o sotaque do Nordeste, da Paraíba, de onde eu venho. A gente dialoga com essa sonoridade que chamam de nova MPB, respeitando os grandes mestres”, afirma. O projeto “Elas Cantam Arlindo” teve início com a releitura de “Meu Lugar”, cantada por Ivete Sangalo, e segue agora com a participação de Agnes. Os lançamentos ocorrem de forma escalonada nas plataformas digitais, e a iniciativa prevê ainda o lançamento de um documentário inédito sobre a trajetória de Arlindo Cruz, com estreia prevista para o segundo semestre de 2026, durante o Festival de Cinema do Rio. Para Ricardo Queirós, do Nas Nuvens, a participação de Agnes sintetiza aquilo que o projeto busca demonstrar. “Ver a Agnes trazer sua identidade e força feminina para essa canção reafirma a atemporalidade de Arlindo e a potência criativa dessa nova geração”, destaca

UNIVERSO SINGLE

POR A F F O N S O N U N E S



Cauê Tarnowski/Divulgação

Ansiedade e urgência

Jenni Mosello apresenta “Tende a Piorar”, primeiro single composto para o álbum “BRava”. A faixa foi criada em métrica 7/4, ritmo associado ao jazz e ao rock progressivo, e trata da sobrecarga emocional e da dificuldade de desacelerar. “A minha ideia era fazer algo fora do comum e nunca visto antes. Me levou para um lugar que já era meu, um estado de ansiedade e urgência de colocar tudo para fora”, afirma a compositora. A música nasceu em sessão colaborativa com o grupo Los Brasileiros e sucede o single “Céu da Boca”.



Divulgação

Hora de seguir em frente

A cantora e compositora estadunidense Ava Della Pietra lança o single “3am”, pop intimista sobre o ciclo emocional de um relacionamento instável. “‘3am’ fala sobre a atração por alguém que parece impossível de abandonar, mas também sobre o momento em que a consciência finalmente mostra que é hora de seguir em frente”, diz a artista. Ex-atriz da Broadway, Ava acumula mais de 37 milhões de streams com suas canções. A faixa já está disponível com videoclipe em todas as plataformas digitais.



Divulgação

Salvação nas pistas

Bebe Rexha acaba de lançar “New Religion”, single que integra o álbum “Dirty Blonde”. A faixa é inspirada em “Insomnia”, clássico do grupo britânico Faithless, e revisita a hipnótica linha de baixo do original em chave moderna de pista. “‘New Religion’ é a minha salvação na pista de dança. A música fala sobre se entregar. Eu queria escrever uma carta de amor para a própria música”, afirma a cantora e compositora estadunidense. A faixa chega acompanhada de videoclipe nas plataformas digitais.

MORA NA FILOSOFIA

por ALDO TAVARES

Papo com Käthe Schirmacher

À margem do rio Vístula, em Gdansk, norte da Polônia, tive a alegria intelectual de “entrevistar” uma das mais inteligentes feministas do mundo. À mesa do restaurante Hewelke, conversamos sobre sua luta política, marcada pelo feminismo maternal. Embora esteja com os seus longos 161 anos de idade, suas palavras permanecem jovialmente vivas. Moro na Filosofia entrevista palavras, não pessoas. Nossa entrevistada, Käthe Schirmacher, que defende a ideia de que ser mãe é a forma de trabalho mais digna. Cuidar dos filhos, da casa, enfim, cuidar da família, possui o sentido mais amplo de cuidar da vida. “O trabalho doméstico é trabalho social, é trabalho político, é trabalho econômico”, e ela me perguntou: “existe trabalho mais digno do que acolher o lar da família?”.

Reprodução



Käthe Schirmacher, pensadora polonesa (1865-1930)

Käthe, antes de tudo, obrigado por este encontro. Você conhece a realidade das mães mais pobres no Brasil?

Conheço. Em seu país, a grande maioria das mães cria os filhos sozinha em lugares onde não há creches, o que impõe ao filho ou à filha cuidar dos irmãos menores, enquanto a mãe passa o dia trabalhando.

A creche é solução?

Não. Ainda que o poder público colocasse creches, ele daria a terceiros a responsabilidade de cuidar da vida. Quem tem de cuidar do filho é a mãe com o pai.

Mas a mãe trabalha fora de casa.

Não por isso. Havendo condição financeira, essa mãe fica em casa para cuidar dos filhos, e quem deve assegurar tal condição é o Estado. O trabalho da maternidade, o mais digno de todos, tem de ser muito bem remunerado para que as mães pobres possam ficar em casa cuidando de seus filhos.

Então, você defende o feminismo maternal.

Isso mesmo. O feminismo da maternidade é o mais amplo, pois envolve a política pública habitacional, ou seja, o lar. A questão aqui, portanto, não é a mulher ter direito igual ao homem, porque ser mãe, que é gerar a vida, é direito superior ao direito masculino.

As feministas lutam pela maternidade?

Não, o que levou à jornada dupla de trabalho para as mães. Eu luto por isso desde o final do século 19, quando a pobreza feminina era agravada pelos riscos próprios da vida das mulheres. Uma coisa é o homem pobre e sozinho, e outra coisa é a mulher pobre, sozinha e grávida. Quero dizer com isso que, uma vez comparado o homem à mulher, o Welfare State é bem diferente.

Sua análise é interessante.

Defendo a natureza da mulher, que é a de ser mãe, não havendo trabalho mais produtivo do que esse, já que cria o valor dos valores, que é educar o filho, que é cuidar da vida do ser humano.



O musical sobre Tim Maia, que estreou em 2012, ganha nova montagem

O legado do ‘Síndico’ segue inabalável

Musical sobre Tim Maia retorna ao Rio com montagem renovada nos 28 anos da morte do cantor

Cantor, compositor, maestro, instrumentista e produtor, Sebastião Rodrigues Maia não cabia em definições simples. Sob a identidade de Tim Maia, ele construiu uma obra de 205 músicas e 698 gravações que atravessou décadas e estilos — do samba soul ao funk samba, do xaxado soul ao forró soul — deixando uma obra singular e inconfundível na MPB. Agora, 28 anos após sua morte, “Tim Maia, Vale Tudo - O Musical” retorna aos palcos cariocas com uma montagem renovada para celebrar esse legado.

A temporada carioca estreou no fim de semana e segue até 12 de abril no Teatro Casa Grande, no Leblon. Carmelo Maia, filho do cantor e curador artístico da produção, explica que participar do projeto é mais do que trabalho. “Mesmo sem meu pai fisicamente entre nós, sua musicalidade, genialidade, sua história e sua força seguem vivíssimas entre

nós. Tenho o máximo respeito pelo legado que me foi confiado e o administro com o coração, fidelidade e muita seriedade. Esse musical é por ele e feito para vocês”, afirma.

Com roteiro de Nelson Motta — o mesmo que descreveu Tim como “o ser mais livre que eu conheci” —, o espetáculo é inspirado no livro Vale Tudo - O Som e a Fúria de Tim Maia e conduz o público desde a juventude do artista até sua consagração nacional. Cerca de 20 sucessos estruturam essa jornada: “Não Quero Dinheiro”, “Azul da Cor do Mar”, “Gostava Tanto de Você” e “Acenda o Farol” estão entre os clássicos que seguem ecoando em karaokês, festas e trends nas redes sociais, conectando admiradores de longa data às novas gerações que descobrem Tim Maia por caminhos inesperados.

A montagem tem números que impressionam: 16 atores em cena, 12 músicos executando a trilha ao vivo, 141 figurinos, 32 perucas e um cenário de apro-

ximadamente seis toneladas. O visagismo foi desenvolvido em duas fases distintas para marcar a passagem entre os atos, evidenciando a transformação do protagonista ao longo da narrativa. A produção também aposta em momentos de interação direta com o público, tornando a experiência cênica mais próxima do espírito irreverente e magnético que definia as apresentações do artista.

Desde a estreia em 2012, o espetáculo acumulou público e reconhecimento, firmando-se como um dos títulos mais duradouros do teatro musical brasileiro. A nova montagem ainda marca presença na 34ª edição do Festival de Teatro de Curitiba, nos dias 31 de março e 1º de abril, no Teatro Guaíra. A direção musical é de Carlos Bauzys e Diego Salles, a direção geral de Pedro Brício, e a produção é assinada por Carmelo Maia, Del Claro Produções e Grupo Live.

SERVIÇO

TIM MAIA, VALE TUDO - O MUSICAL

Teatro Casa Grande (Av. Afrânio de Melo Franco, 290 A, Leblon)
Até 12/4, sextas (20h), sábados (16h e 20h) e domingos (19h)
Ingressos a partir de R\$ 75

Metamorfose e libertação

‘Mulher em Fuga’, primeira adaptação brasileira das obras de Édouard Louis sobre a trajetória de sua mãe, estreia nesta quinta no Teatro Firjan Sesi Centro

Certas histórias só podem ser contadas quando alguém decide quebrar o silêncio. Monique Louis, mãe do escritor francês Édouard Louis, passou décadas sob o peso das engrenagens invisíveis que trituram mulheres da classe trabalhadora: um casamento marcado pela violência, o peso do trabalho exaustivo, a pobreza que não perdoa e a ausência de qualquer horizonte que não fosse a repetição do mesmo ciclo. Foi preciso que o filho transformasse essa trajetória em literatura para que Monique ocupasse o protagonismo de sua própria existência.

O espetáculo “Mulher em Fuga” chega aos palcos cariocas com dramaturgia de Pedro Kosovski que funde dois títulos do autor — “Lutas e Metamorfoses de uma Mulher” (2021) e “Monique se Liberta” (2024). Inez Viana assina a direção. Em cena, estão Malu Galli e Tiago Martelli, o idealizador do projeto.

Édouard Louis é uma das vozes mais contundentes da literatura europeia contemporânea. Nascido em uma família operária do norte da França, ele ficou conhecido por transformar a autobiografia em instrumento de análise política, expondo as estruturas de classe, gênero e violência que moldam corpos e destinos. “Em Lutas e Metamorfoses de uma Mulher”, ele reconstrói a trajetória da mãe pelo olhar do filho que testemunhou — às vezes de longe, às vezes de perto demais — uma vida marcada pela humilhação sistemática e pelo esforço de romper com ela. “A história da minha mãe é a



Malu Galli e Thiago Martelli em cena de ‘Mulher em Fuga’

“Através de sua ajuda para a terceira fuga de sua mãe, o filho tenta não só recuperar sua relação interrompida com ela, mas entende que a liberdade e o caminho não percorridos sempre poderão ser retomados” **INEZ VIANA**

história de uma vida roubada e, portanto, também a história de uma juventude roubada, como foi a vida e a juventude de muitas mulheres”, diz o autor em entrevistas. “É por isso que me pareceu importante escrever este livro, rebelar-me contra isso.”

Três anos depois, em “Monique se Liberta”, a protagonista assume a palavra em primeira pessoa. Pela primeira vez, é ela quem narra seus medos, suas perdas, suas estratégias de sobrevivência e suas conquistas. O livro funciona como um con-

traponto ao relato do filho: se no primeiro volume Louis interpreta a mãe a partir de sua própria memória afetiva e política, no segundo é Monique quem reivindica a autoria de sua própria história — um ato de emancipação além da literatura.

Kosovski encontrou nessa duplicidade de vozes o fio condutor da dramaturgia. “Busquei a ação emocional da escrita autobiográfica de Louis, uma ação que rompe decisivamente com o estado de anestesia que muitas vezes marca existências

em nossa sociedade”, explica o dramaturgo. “Entre dívidas e reivindicações, algo do impossível desse encontro entre mãe e filho pronuncia imperativamente um chamado emocional: é urgente que se façam sentir as existências neste mundo, apesar desse mundo.” O espetáculo não escolhe um ponto de vista em detrimento do outro; ao contrário, habita o espaço tenso e fértil entre os dois, evidenciando tanto o conflito quanto o afeto que estruturam essa relação.



Inez Viana, diretora teatral

Inez Viana, na direção, conduziu o processo com atenção às camadas simultâneas que o material exige: a intimidade da memória familiar, a dimensão política da violência de gênero e o peso simbólico de dar corpo e voz a uma mulher que o sistema insistiu em apagar. Para ela, ao colocar a mãe no centro da narrativa, Louis lança um grito contra o patriarcado e sua capacidade de naturalizar a opressão. “Através de sua ajuda para a terceira fuga de sua mãe, o filho tenta não só recuperar sua relação interrompida com ela, mas entende — e nós também entendemos — que a liberdade e o caminho não percorridos sempre poderão ser retomados, independentemente do tempo”, diz a diretora.

Malu Galli habita Monique com a clareza de quem reconhece na personagem algo universal, ainda que profundamente específico. “Monique é uma mulher comum: dona de casa, mãe de cinco filhos. E, como toda mulher comum, Monique é uma mulher extraordinária”, reflete a atriz. “Uma mulher com uma força gigantesca, um amor pela vida e uma coragem de leoa. Basta dar a ela a oportunidade de ser quem é para que todos possam comprovar isso. E, quando falamos de oportunidade, falamos de autonomia. E, quando falamos de autonomia, o dinheiro está sempre no centro.” É essa tensão — entre o cotidiano e o extraordinário, entre a dependência e a autodeterminação — que Galli carrega ao longo do espetáculo.

“Na obra de Édouard Louis, encontrei uma narrativa que nos confronta com a coragem, a vulnerabilidade e a reinvenção de uma mulher que se recusa a desaparecer”, afirma Thiago Martelli. “Esta adaptação é um gesto de cuidado, um ato político e uma homenagem a todas as mulheres que lutam para reconquistar suas próprias vozes.”

SERVIÇO MULHER EM FUGA

Teatro Firjan Sesi Centro (Av. Graça Aranha, 1)
De 12/3 a 26/4, às quintas e sextas-feiras (19h) e sábados e domingos (17h)*
Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)
*Não haverá apresentações de 9 a 12 de abril — o espetáculo participa do Festival de Curitiba

Na profundidade do azul



Divulgação

O azul nunca foi apenas uma cor para Fátima Vollú. É matéria de investigação, memória afetiva e ponto de partida para narrativas visuais que transitam entre o individual e o coletivo. É com essa convicção que a artista plástica apresenta “Azul e um Pouco Mais”, exposição individual que ocupa o Ateliê Pluralistas, na Fábrica Bhering, na Zona Portuária. O conjunto de aquarelas reúne trabalhos que partem do cotidiano e da natureza para chegar à abstração, tendo no matiz azul — em suas múltiplas variações de tom — o eixo condutor de toda a mostra.

A origem da exposição remonta a outubro de 2025, quando a artista plástica desenvolveu obras para a coletiva Tempo, também realizada no Ateliê Pluralistas. Naquela ocasião, a artista explorou a relação entre tempo e memória a partir de uma abordagem colaborativa: fragmentos de lembranças enviados por seguidores via Instagram tornaram-se matéria-prima para a composição Coleção de Memórias. As pequenas aquarelas, com aspecto de figurinhas recortadas, foram executadas em azul numa referência direta à cianotipia, antigo processo fotográfico que utilizava sais de ferro para produzir imagens em tonalidades características. O resultado evidenciou como memórias individuais podem adquirir caráter universal quando reunidas sob uma mesma linguagem visual.

A pesquisa seguiu adiante. Em “Cidade Coletiva”, Vollú manteve



o interesse pela narrativa compartilhada e pelo pequeno formato, mas introduziu contrastes cromáticos para traduzir a multiplicidade de percepções que cada indivíduo projeta sobre os espaços urbanos que habita. O azul permaneceu como

Fátima Vollú reúne aquarelas que exploram a força expressiva do azul em exposição individual na Fábrica Bhering



A artista plástica Fátima Vollú explora a diversidade dos tons de azul em suas aquarelas



referência central, mas passou a dialogar com outras cores, ampliando o repertório visual da série.

“O azul sempre atraiu meu olhar, sua presença reflete nos meus tubos de aquarela: ciano, índigo, ultramarino, cobalto, Prússia, lápis lazúli... Cada um, um mundo, uma percepção”, explica a artista, apontando ainda a influência da tradição azulejar ibérica e de sua presença marcante na cultura visual brasileira, especialmente em São Luís do Maranhão — conhecida como a Cidade dos Azulejos. Sensibilizada por essa estética, a artista desenvolveu aquarelas em formato quadrado, em azul e branco, com elementos da vegetação nativa brasileira, combinando herança cultural e a

paisagem local.

Ao longo da mostra, o azul ora aparece em sua forma mais pura, ora convida outras cores para compor harmonias ou acentuar contrastes. O conjunto propõe ao visitante uma experiência de imersão que vai além da contemplação estética — é um convite a perceber a cor como linguagem, como tempo e como memória.

SERVIÇO

AZUL E UM POUCO MAIS

Ateliê Pluralistas (Fábrica Bhering — Rua Orestes, 28 - 2º andar)

Até 28/3, de quarta a sexta (14h às 18h), sábados (10h às 19h)

Entrada franca